

FRANÇA — IGREJA DE S. SULPICIO.

A IGREJA de S. Sulpicio, em Paris, é um elegante e magestoso edificio, em que a rainha Anna de Austria lançou a primeira pedra no anno de 1655; por falta de meios interromperam-se os trabalhos, que sómente proseguiram em 1733, terminando o portico o architecto Servadoni, no anno de 1745. As torres foram construidas por Maclaurin e Chalgrin: a do sul pelo primeiro, no anno de 1749, e a do norte pelo segundo, em 1777. O côro concluiu-se em 1778; o portico, começado em 1733 acabou-se em 1745, e as duas torres nas epochas já apontadas. Uma d'estas torres, a do norte, é mais alta que a do meio-dia, que tem a fôrma quadrangular. Em tudo semelhantes até o primeiro pavimento, são bastante differentes na parte superior. Porém não devemos accusar os architectos por uma tão extravagante

desigualdade, senão o arcebispo de Paris, que, por um excesso de aristocracia, quiz que só a metropole tivesse duas torres identicas e acabadas.

O portico de S. Sulpicio cita-se como uma maravilha no seu genero; tem de largura 640 palmos, e compõe-se da ordem dorica e jonica. As extremidades são dous corpos quadrados, que servem de base as torres.

A extensão do edificio desde a fachada até a capella de Nossa Senhora é de 720 palmos, e a altura da abobada até o fecho 165 palmos. A direita e esquerda das portas lateraes, da parte exterior, vêem-se uns nichos com estatuas de santos de 15 palmos de altura. O côro, cercado de sete arcos, sustentados por columnas corinthias, tem 138 palmos de largura. Aos lados da nave observam-se doze estatuas

de marmore, que representam os doze apóstolos. O altar-mór, collocado em frente do côro, é de lindo effeito, e na capella de Nossa Senhora admira-se a cupula pintada a fresco por Lemoine, representando a assumpção da Virgem. No fundo d'esta capella ha um nicho, que contém um grupo figurando a Virgem com o Menino Jesus nos braços. A'direita fica a capella de S. Mauricio, com dous quadros a fresco, dignos da attenção dos intelligentes. Este S. Mauricio era um tribuno militar, chefe de uma companhia, o qual, negando-se a marchar contra os christãos genovezes, foi morto aleivosamente com parte dos seus soldados.

A igreja, propriamente dita, que occupa uma linha meridional, tem de comprimento 290 palmos, e na extremidade norte d'esta linha, eleva-se verticalmente um obelisco de marmore branco de 40 palmos de alto. A janella meridional acha-se inteiramente tapada, menos uma abertura por onde penetra um raio de sol, que fórma uma imagem sobre a linha vertical do obelisco. Esta linha meridiana e o obelisco datam do anno de 1745, e têm por fim fixar o equinoccio da primavera e o do domingo de paschoa.

Collocaram-se dous telegraphos na torre de S. Sulpicio, que se correspondem com os de S. Eustachio e do ministerio do interior. Contiguo á igreja existe o seminario de S. Sulpicio, que é um vasto edificio construido no reinado de Carlos X, e que pode accommodar até 150 collegiaes.

Finalmente em S. Sulpicio deu a cidade de Paris um esplendido banquete ao general Bonaparte, quando regressou do Egypto: foi talvez esta uma das festas nacionaes mais brilhantes, que se fizeram durante a republica.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE:

No Arcadia Elmano Sadino.

Entre ferros cantei desfeito em pranto.
Valha a desculpa, se não vale o canto!

V.

APERTANDO o arco e amolando o dardo, poz a pontaria em outro arcade, o doutor Luiz Corrêa da França Amaral, (Melizeu Cylenio) traductor da Electra, auctor de D. Maria Telles, e de varias obras avulsas, no Almanak das Musas, e brindou-o com repetidas satyras, afiadas pelo orgulho e avivadas pelo resentimento. França, em uma carta *contra os intruzos poetas do seculo presente*, escripta a Belchior Curvo Semedo, tinha declarado a guerra a Manuel Maria, e mais presumido do que forte, violentou o engenho, mettendo o Pegaso a chouto para investir com o auctor da Medea e do Tritão. Tres ou quatro dos tercetos da epistola doeram a Elmano, e provocaram, conforme o costume, a sua veia corrosiva. Melizeu dizia ao douto collega no monte Ménalo, alludindo a Bocage:

Clama com sem igual desembaraço
N'um outeiro um pedante: « Venha mote,
Heroico, que eu só verso heroico faço! »

Eis que parte; e embugado no capote,
Mil narizes de cêra revolvendo,
Lá ingendra um soneto... e de que lote!

Um verso á rédea solta vae correndo,
Outro um passo não dá por aleijado
Com o mote nenhuma connexão tendo;

Um quarteto com outro mal casado
Fazem com os tercetos, sem coherencia
De rodilhas um sujo apontado.

Era ser injusto detractor, e não censor severo. Mesmo desgrenhada no delirio repentista a musa Bocagiana mantinha a magestade da phrase, e a harmonia dos sons. Os descitos, que a maculam, não foram os que França inventa, muito cego pelo odio para descobrir os verdadeiros. O soneto, essa fórma estreita e ardua, ninguem a possuiu como Elmano, e n'este genero rivalisa com os primeiros da Europa, sendo sem contestação o primeiro entre os nossos. Melizeu á sua custa o experimentou. Prestando-se pela figura e pelos habitos, foi uma das victimas mais mortificadas. Manuel Maria começou pelo descrever de um modo, que não tem inveja ao buril de Juvenal; e em successivas satyras não o deixou até o converter, como aos outros emulos, em espectáculo do escarneo publico. Eis um dos retratos:

Rapada, amarellenta, cabelleira;
Vesgos olhos, que o chá e o dôce engoda;
Bôca, que á parte esquerda se accommoda,
Uns affirmam que fede, outros que cheira;

Japona que da ladra andou na feira;
Ferrugento fainr, que já foi moda
No tempo, em que Albuquerque fez a poda
Ao soberbo Hidalcão com mão guerreira;

Ruço calção, que espipa no joelho
Meia e sapato com que ao lodo avança
Vindo a encontrar-se com o esbrugado artelho;

Jarra com appetites de creança;
Cara com similhança de besbelho;
Eis o bebel do Pindo, o doutor França.

Na realidade Amaral França com este pouco bizarro porte, não era tão apoquentado em prosa, e tísico em verso, como diz Bocage; apesar d'isso estava mal no caso de se erigir em Boileau portuguez, dictando regras, e descarnando criticas. O supplicio não desagradou portanto; e a sua mediocridade punida refugiou-se, acossada pelo riso, na meia sombra, de que fôra prudente nunca ter passado. Eis a sorte dos talentos vulgares que se incham querendo alcançar a estatura, que lhes falta. A rã da fabula é o seu emblema; e os esforços impotentes que tentam, acabam sempre por lhes tornar mais estrepitoso o desastre. Manuel Maria dominava de toda a altura do genio os metrificadores, que o accommettiam; o que os seus contemporaneos produziam com fadiga, brotava-lhe a elle espontaneamente do estro! Mesmo jogando as armas poeticas com os homens de maior pulso, demonstrou, como attesta o exemplo do padre Macedo, e de Curvo Semedo, que se o orgulho era desenfreado e não conhecia a modestia, tirava das suas bellas faculdades, (chegado o conflicto) mais do que a força necessaria para com brio manter o logar que se arrogava. Seria melhor de certo que deixasse aos outros o elogio proprio, e que não fosse a trombeta do seu merito; mas uma vez entrado em batalha (e que batalhas!) quem saia d'ellas com igual gloria, ou corpo a corpo quem repel-

lia e aggredia o adversario com tão altiva e brilhante gentileza?

Estão longe a esta hora esses encontros ruidosos, esses torneios esplendidos, mas vão em que as espadas, e as divisas, se tomavam da imitação greco-romana, e da escola das Graças em França e na Italia. Cerrada a arena politica, senhores das rédeas do estado os fidalgos de braço, e os plebeus de toga, as letras principiavam a quebrar a *rotura*, porém não davam ainda titulos; nem creavam superioridades sociaes. Menos rigorosa na essencia, a sentença do duque de Saint Simon acerca dos escriptores ainda continuava a passar em julgado. Depois aquella geração de vates, cantando e esgrimindo, atravessava pelo meio da sociedade, em arraial permanente, como os chorybantas antigos por entre as scenas da Melpomene atheniense. As rixas e revoluções do Parnaso corriam as ruas, e de lá é que subiam ás salas. Os Mecenas distrahiam-se com as artes, mas não as amavam a ellas, nem estimavam os seus sacerdotes, d'onde procedia que verdadeiramente novo e grandioso nada podia nascer, porque faltava aos engenhos finos a protecção illuminada, que os faz vôar alto, reconhecendo-lhes a independencia, e acatando-lhes a dignidade.

Cousa triste! Os cultores do verso, as vocações mais sinceras, não tinham com que subsistir, a não seguirem dous caminhos: abdicar a arte por qualquer officio rendoso; ou arrastal-a mendiga e supplicante como o Tolentino, como Elmano, como tantos, pelos serões aulicos, e pelas mezas dos poderosos. Se uns baixam mais da que os outros, não se segue que se envergonhassem ao estender a mão aos beneficios; todos o faziam sem pejo, e sem reboço, excepto os abastados. Como os antigos rapsodes pagavam em cantos a hospitalidade e os favores; e puniam com imprecações a indifferença ou a avareza. A consequencia d'esta vida sem o timbre intimo, pudor do genio, sem a estimação publica, base da admiração fecunda, era a abundancia esteril, o desregramento e o pugilato. Vivia se e morria-se entre uma ode e um soneto, com a esmola ainda quente do ultimo protector debaixo do travesseiro, e o nome de um rico generoso sobre os labios, ás vezes mais frios da venalidade, do que das dôres excruciantes da enfermidade exacerbada pela miseria. Nenhum dos homens, que então fallavam na lingua divina de Camões, acreditava que a arte fosse uma illustração social, como hoje cremos. Proclamavam-se immortaes, chamavam a posteridade, mas aqui findava tudo. Terminado o rapto lyrico arrancavam a corôa, encostavam a harpa, e assentavam-se, convivas necessitados, aos banquetes do Locullo. Em prosa eram supplicantes e requerentes! As distancias mediam-nas só de uns para os outros!

Estas explicações pareceram-nos indispensaveis para se perceber o alcance e o sentido das invectivas trocadas na guerra dos poetas. Continuemos agora expondo o quadro nos seus lineamentos principaes.

(Continúa.)

L. A. REBELLÔ DA SILVA.

VIAGEM AO MINHO.

CAPITULO II.

Aranga ao leitor. — A casa de pasto da rainha. — Um gato laborioso. — O café considerado como elemento de civilisação.

LEITOR pio e corajoso, que me seguiste sem murmurar atravez de um capitulo de cincoenta leguas

de extensão; peza-me de não possuir uma penna como aquellas que descreveram a cholera de Achilles, o palacio encantado d'Armida, ou as iras do Adamastor! A sublime abnegação com que te resignas a seguir-me, e o valor que te não desampara no meio dos perigos por onde te conduzo, mereciam bem o canto de uma epopeia!

Ille ego qui quondam gracili modulatus avena
Carmen, et, egressus silvis, vicina coëgi
Ut quamvis avido parerent arva colono,
Gratum opus agricolis: at nunc horrentia Martis.

Arma virumque cano, &c.

Tem paciencia, leitor amigo; não posso recomendar-te á posteridade, mas concedo-te que tomes a respiração neste segundo capitulo da minha obra, porque já estamos livres de perigo. Agora, se queres alcançar um logar no céu, recommendo-te a continução d'esta interessante viagem, não só por ser muito edificante a sua leitura, mas tambem, porque o tempo que perderes comigo, te será descontado em expiação dos teus peccados.

A bordo do vapor, não é uso dar de comer aos passageiros depois de estar á vista a barra do Porto; em consequencia de tão pio costume, desembarquei ás quatro horas da tarde, faminto como um tigre, ou antes como John Street, que dava urros pavorosos, com as tremendas reclamações do seu estomago.

Oh! Lisboa! Lisboa! quantas vezes suspirei por ti, oh vizinha de Cacilhas, vendo aproximar a hora mais solemne da minha vida! a hora de jantar!

Oh Matta, immortal Matta, com teus môlhos
De odorifero cheiro, as ventas coças
Ao ditoso amador que te frequenta!
É tu, grande Simão, tu velho amigo
Que, por *um pinto*, á gente enches a pança;
Já viste acaso na redonda letra
Brilhar teu nome? Só em gordo annuncio,
Que exquisitos pasteis nos promettia,
Traçado foi por sordido sabujo,
Que, a troco de jantares, faz artigos!
Mas eu, não corrompido por guisados,
Apezar de os amar, aos céus levanto,
Pela gloria immortal cingidos ambos,
Os grandes nomes de Simão e Matta!

Dei comigo na praça de D. Pedro (praça nova do Porto) que é inquestionavelmente a melhor da cidade; e como um homem que tem uma idéa fixa, a idéa de jantar, procurei uma *casa de pasto*.

Para o lado occidental da praça de D. Pedro têm passado desaperebidos os melhoramentos municipaes; os edificios aqui fazem notavel contraste com os outros, pela maior parte novos ou reedificados, em quanto estes conservam todas as fórmulas da primeira fundação, envergonhando a figura do velho guerreiro que no alto da casa da camara representa a cidade.

Sobre as fachadas ennegrecidas pelo tempo e pelo fumo, uma fileira de rotulos, que deixam a arte typographica *de queixo caído*, e a caligraphia escorrendo sangue, annunciam aos viajantes que ali se mata a fome por dinheiro. Alguns d'estes annuncios, feitos sobre um pedaço de tabua e pendentos de um prego, fazem lembrar aquelle verso do Tolentino:

Despojo inutil do inconstante vento...

Quando alta noute as lufadas do norte sacodem

com violencia estas taboletas, agoutando desapiadadamente as paredes, sente-se um suor frio percorrer os membros, e gelar-se o coração de susto. Eu ouvi aquelle estrepito diabolico, em uma noite de tempestade, e se não soubesse com antecipação a causa, confesso que não havia de ficar muito satisfeito. Pareciam uns poucos de esqueletos a esgrimirem com os seus proprios ossos; e realmente, ha certa verdade n'esta comparação; porque muitas vezes, aquellas taboas agitadas pelo vento, são a imagem fiel dos ossos descarnados, que no interior da casa se saracoteiam dentro das velhas cassarolas, repellidos com desdenho até pelos gatos famintos, unicos frequentadores perpetuos d'aquellas espeluncas.

Foi pois a uma d'estas casas, que me conduziu a minha ruim ventura. Por meus grandes peccados, attendendo só á necessidade que tinha de jantar, dirigi-me á casa de pasto da rainha, antes cova triste e feia, que não tinha uma princeza Angelica para acolher graciosamente o intrepido viajante, mas uma horrivel Maritornes, capaz de fazer arripiar os cabellos ao mais desabusado Quichote d'este seculo das luzes.

Apenas dei um passo na sala da casa de pasto, comprimiu-se-me o coração. Quatro bancas, cobertas com toalhas pejudas de nodos de gordura, e migalhas de pão de milho, estavam nuas de hospedes, como a cosinha promettia ser erma de bons bocados. As cadeiras, carregadas de annos e de serviços, tinham adquirido o direito de inamovibilidade, porque algumas estavam cravadas no sobrado. No vão das duas janellas, que deitavam sobre a praça, via-se um enorme S. Sebastião crivado de settas; e como se lhe não bastasse aquelle martyrio, rasgaram a parte inferior da estampa, e arrancaram-lhe o pé direito pelo artelho. Ficou duplamente martyr. Em torno das paredes estava tudo coberto de santos e santas de todos os tamanhos e feitios. Era o mais completo *Plos Sanctorum* que tenho visto em minha vida.

Avancei mais um passo, e fiquei pasmado diante do novo espectáculo que se me offereceu á vista. No fundo da sala, ao lado da porta da entrada, era a porta da cosinha; a caverna de Merlin, a boca medonha do antro por onde passou o genio divino de Milton e Dante. Era ali o inferno; e Plutão em pessoa, coxo, gnomo e horrivel, como devem ser as divindades infernaes, armado com uma colher de pau, que parecia um remo de galeão, defendia a entrada dos seus dominios. Deus da mythologia pagã, precipitado nos infernos por um pontapé de Jupiter, a queda partiu-lhe uma perna, e a dôr e a cholera o tornaram inimigo implacavel dos deuses e dos homens. Anjo decaído da graça de Jehovah, converteu-se em espirito das trevas; a sua physionomia conserva todos os vestigios da sua inferioridade, e da reprovação que fez pezar sobre elle a maldição de Deus. Lucifer e Plutão, encarnados um no outro, ambos prevertidos, ambos expulsos, malditos ambos, eram perfeitamente representados pelo cosinheiro da casa de pasto da rainha, perante o qual, o Quasimodo de Victor Hugo pareceria um Adonis ou um Cupido.

O interior da cosinha era uma cousa terrivelmente phantastica.

A collocação das figuras e dos objectos, n'uma completa desordem, mas sem o que na arte se chama harmonia, não concorria pouco para dar ao quadro uma apparencia extravagante e sobrenatural. Muita luz e muitas sombras agglomeradas pelo acaso a um e outro lado, mal distribuidas umas, pouco desenvolvidas outras, mostravam os objectos com as mais

vagas e caprichosas fórmulas que se possa imaginar. O fundo da scena era o primeiro ponto que chamava a attenção do observador, porque estava ali, por assim dizer, a acção principal, a vida e a origem maravilhosa do todo. Sobre o fundo negro da parede, um grande fóco de luz, sustentado por umas poucas de pinhas incendiadas, fazia lembrar as auroras boreaes dos quadros de Guido Reni! Sobre a fornalha ostentava-se um immenso caldeirão de cobre em toda a magestade da sua côr preta; as chammas, subindo espartidas á roda do bojo venerando da respeitavel cassarola, uniam-se dous palmos acima, formando uma corôa de fogo que substituia a tampa. Do abysmo profundo da caldeira, surgia um osso agudo e descarnado, que eu não pude classificar, mas que tinha pertencido a um individuo riscado, havia muito tempo, do numero dos vivos. Pela sua nudez absoluta, e pela ponta ennegrecida do fogo, conhecia-se bem a familiaridade que existia entre elle e a caldeira, de cujas antigas relações tinham resultado muitos potes de agua convertidos em caldo.

Uma nuvem de faíscas, subindo de mistura com as vastas ondulações do fumo, ia perder-se no meio do labyrintho de bandeirolas de ferrugem, que se balouçavam voluptuosamente no tecto da girianta. Ao lado esquerdo da fornalha, trepado sobre uma banca de tres pernas, estava um gato colossal, porém de fabulosa transparencia, que fazia esforços incriveis para deitar as unhas a uma perna de carneiro, suspensa de um gancho de ferro. Digo perna de carneiro, mas não quero illudir a boa fé dos leitores, nem comprometter a minha consciencia; pareceu-me de carneiro, mas tinha tanta razão para suppor que tivesse pertencido aquelle nobre animal, como a um bóde, e mesmo a um cão. O mais destro operador não lhe acharia a porção de carne que satisfizesse um rouxinol: tal tinha sido a habilidade do esbrugador! E quem sabe se a sciencia não perdeu ali um grande anatomico? Adivinhei facilmente os serviços, que o fraudulento taberneiro esperava ainda d'aquelles ossos, e invoquei em silencio a cholera sagrada dos gastronomos do mundo!

O gato continuava corajosamente os seus exercicios, collocando-se sobre os pés, e escorregando as mãos pela canella do defunto, sem conseguir cravar-lhe as unhas.

Ao lado direito da caverna, no ponto aonde a parede estava menos denegrida, via-se um archipelago de cassarolas e panellas de todos os tamanhos e feitios, que se haviam arruinado fóra do serviço, sem conhecerem durante a sua penosa existencia de amolgadellas, o sabor delicioso de um bom guizado, ou o cheiro amigo dos ovos fritos com toucinho, unico e patriótico recurso do viajante em Portugal. Á medida que a força das labaredas foi diminuindo, o gnomo chegou mais algumas pinhas, que absorveram quasi toda a claridade antes de se inflammarem. A scena tomou então um aspecto lugubre e ainda mais original; o effeito das sombras chegou a ser bello e admiravel. A pouca luz que restava, um pouco melhor distribuida, allumiava phantasticamente os objectos. Pareciam cordilheiras de montanhas escalvadas, florestas de arvores despidas de folhagem, castellos derrocados, e outras muitas maravilhas que agora me não lembram, mas que então me obrigaram a fazer as mais extravagantes reflexões que pôde conceber uma cabeça esquentada.

No fim do exame rigoroso a que me obrigava a minha condição de viajante, paguei o que tinha pedido, e saí como tinha entrado; isto é, sem jantar. Á saída, encontrei um conhecido antigo, que me conduziu ao largo da Batalha, á *Águia d'Ouro*, hos-

pedaria que me compensaria um pouco do enjôo que me causou a casa de pasto, se eu não tivesse perdido o appetite. Comtudo, sempre jantei, não sem me lembrar com saudade d'aquelles baluartes de carne assada do respeitavel *Simão* (no tempo em que aquillo foi *Simão!*) e dos variadissimos *pitões* com que o grande *Malta* tem subjugado o meu estomago, quando me abandono ás delicias da Capua do cães do Sodré.

Depois de jantar, voltei á Praça Nova, e entrei no Guichard para tomar café.

Café! abençoado seja o primeiro ente que teye a lembrança de te manifestar, fazendo de ti uma bebida deliciosa! Bemaventurada a primeira bôca que santificou o teu uso! Tu és o verdadeiro licôr dos deuses! Café! Que valem as aguas de Castalia e de Aganippe sem o teu pó confortavel? Tu consolas os afflictos, inspiras o poeta, reanimas o viajante cansado, e fazes as delicias do sceptico. Diante de uma boa chavena de café, cessam as maiores amarguras da vida, o coração dilata-se, e o espirito embriagado de perfumes, sube mergulhado nas odoríferas exhalações d'aquelle agradável licôr até ás regiões encantadas do idealismo!

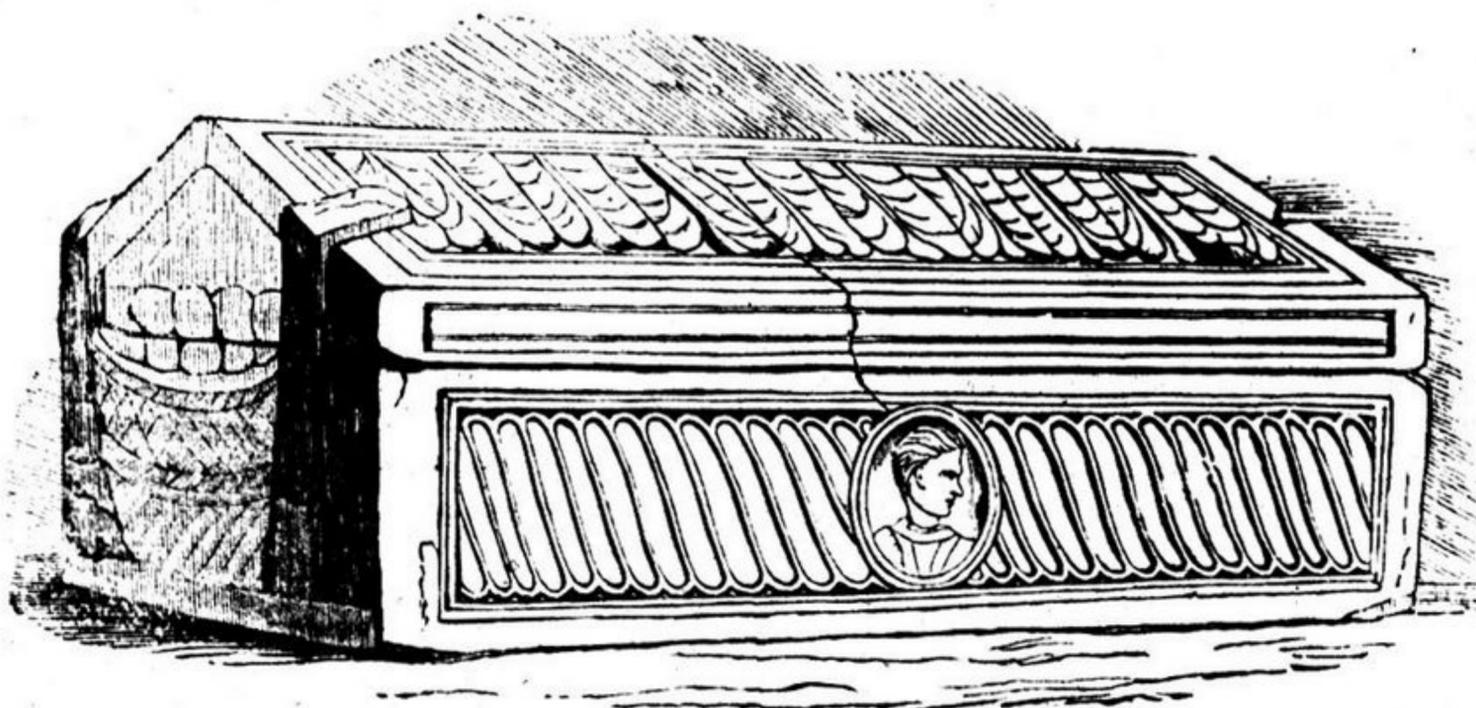
Oh! café! a tua planta graciosa e flexivel nunca devia ser profanada pelos olhos do homem; foi um capricho da natureza, que te abandonou na terra, sendo tu um arbusto do paraíso! Seculo de barbarismo e de ignorancia é este em que vivemos; porém as divinas propriedades do café têm despertado na maior parte dos individuos, quando não o verdadeiro sentimento, uma grande dôse de senso commum, porque todos tomam café!

O café é um poderoso elemento de civilização, de moral, e mesmo de religião; porque admirâmos na sua fôrma uma planta das mais perfectas, que produziu a natureza; uma das que o engenho e a industria humana descobriram como a mais util; e sobre tudo, porque a natureza, inspirada e dirigida por Deus, lhe transmittiu propriedades que a nenhuma outra concedeu.

A vós, homens que não tendes crengas, que perdestes a fé com as desillusões do mundo, que vos consummistes nos odios e nas intrigas da politica, que deixastes embotar o sentimento pelas torpezas e as vaidades da terra, esgotando depois o calix da amargura, quando vos abandonou a esperanza; a vós, o meu coração de irmão, e a minha piedade de christão, votam uma taça de café! Tendes o coração gasto pela febre das paixões? Mettei-o de infusão em café, deixae-o saturar, e depois de bem impregnado pelo precioso liquido, vereis como começam as aspirações, como a esperanza vem espontanea reanimarvos o espirito abatido; nasce o amor; a imaginação desenvolve-se caminhando para um mundo desconhecido, povoado de risouhas e queridas imagens, de visões deliciosas e de encantadas sombras; meigos anjos que habitam o paiz dos sonhos, e que fazem a felicidade na terra! De joelhos, descrentes! de joelhos, e adoraes as cafeteiras como symbolos da poesia da vida, fontes preciosas d'onde brota o aromatico licôr dos deuses, de que a humanidade é indigna!

(*Continúa.*)

F. GOMES D'AMORIM.



SARCOPHAGO ROMANO.

No dia 24 de junho do corrente anno, estando alguns trabalhadores abrindo os alicerces para um armazem cêrca de Haydon Square, em Londres, toparam com uma grande pedra, que em breve conheceram ser a tampa de um tumulo, ou sarcophago, de 5 pés de comprido, 2 de largo e 3 de alto. Via-se ter sido feito para ficar junto de alguma parede, por que uma das faces da tampa e do sarcophago não tinha decoraçãõ alguma. A tampa, ou cobertura, estava solidamente segura por quatro chapas de ferro; sendo muito para sentir que grande parte d'ella ficasse estragada, em consequencia dos esforços que os trabalhadores fizeram por a abrir, julgando occultar algum thesouro.

O sarcophago, removido para a proxima igreja da Santa Trindade, foi no dia 30 seguinte aberto na presença de um grande numero de curiosos e de archeologos, entre os quaes se distinguiam mr. Hawkins, do museu britanico, e mr. Akerman, secretario da sociedade de antiquarios. Sômente duas das chapas foram arrancadas; as outras duas ficaram como tinham sido encontradas.

Verificou-se conter os restos mortaes de uma creanga de oito annos, pouco mais ou menos, segundo a opinião do medico mr. Capes.

O sarcophago vê se ser obra do ultimo periodo do imperio romano.

Este monumento, curiosissimo pela sua anciani-

dade, e por que é, como pôde observar-se na estampa, um bello specimen do genero, foi depositado no museu britanico, onde vae reunir-se á preciosa collecção de antiguidades que ali existe.

No mesmo sitio já por outras vezes se têm encontrado pedras esculpidas, que depois se provou portencerem a edificios sepulchraes.

MIGUEL DE CERVANTES SAAVEDRA.

I.

PELOS annos de 1571 a Europa christã, tanto tempo e tão dolorosamente agitada pelas guerras de dominio e de conquista entre os seus mais poderosos monarchas, dilacerada longos annos pelas encarnigadas guerras da reforma, estava a ponto de ver o crescente do falso propheta levado triumphalmente desde a embocadura dos Dardanellos até plantar-se de novo nas margens hespanholas do Mediterraneo. O turco não era como hoje uma potencia caduca, uma nação envilecida na orgia lenta do islamismo, um povo degredado e corrompido pela dobrada servidão do fatalismo e do serralho. Ondeava soberbo, como uma affronta perpetua á christãdade, e como um trophéo recente do poder ottomano, o pavilhão ensanguentado que Mahomet II hasteára victorioso sobre as ultimas ruinas do imperio romano. Um seculo antes um barbaro, que trazia a sua origem d'essa Scythia obscura e selvagem que ha-de um dia absorver a Europa civilisada, d'essa Scythia donde partiu Attila, e onde filiou a sua ascendencia o czar Pedro o grande, um barbaro avassalára Constantinopla á face da Europa christã, e mutilára o emblema da cruz sobre os coruchéus de Santa Sophia. Desde então o poder ottomano caminhára despejadamente ao seu maior esplendor, e a Europa, que se vira seculos antes ameaçada pelo crescente, trazido de Africa, e plantado em toda a terra das Hespanhas, temia agora com razão que os soldões da raça de Othman realissem o que o califa Abderraman não pudera conseguir além dos Pyreneos, atalhado pela espada heroica de Carlos Martel.

Os turcos punham em respeito as nações litoraes do Mediterraneo, e pela insolencia da sua pirataria, pelas excursões continuas, em que molestavam as terras de christãos, fizeram com que allim soasse um apellido de guerra em toda a christãdade. O papa excitou os povos aquella guerra, que era ao mesmo tempo guerra de religião, pela intolerancia e impiedade dos inimigos; guerra de equilibrio europeu pelo ardor de conquista, que Mahomet II legára a seus herdeiros e successores; guerra de civilisação contra a barbaria, porque a dominagão ottomana significava para a Europa a escravidão mussulmana, a proscricção das letras, a condemnação dos costumes cavalleirosos e christãos do occidente; porque o imperio ottomano, estendendo á sua tyrannia estúpida sobre a Europa inteira, teria feito d'ella o que são hoje o Egypto, a Syria, a Asia menor e a Grecia, as regiões antigas da civilisação, as mães-patrias da cultura intellectuai da antiguidade, transformadas hoje em ermos de devastação, em mercados de escravaria branca, em pachalatos obscurissimos, em arraiaes de ociosa e indisciplinada soldadesca.

Estava ainda n'aquelle tempo viva a gloria de um homem d'estes que apparecem nas grandes quadras da humanidade, e que servem providencialmente como que a personificar na historia, e a resumir n'uma individualidade animada a vida inteira de um

povo, e o drama completo da humanidade. O seculo 16.^o tinha dous nomes, como na mythologia o deus Brahma recebe tres designações, segundo a face porque se encara a trindade indostanica.

Considerado por um lado o seculo 16.^o chamou-se Carlos V; por outro lado, Martim Luthero. Carlos V significou o seculo nas suas idéas de unidade catholica, de dominagão e de conquista, de grandeza epica e de gravidade cavalleirosa. Luthero traduzia o seculo nos seus instinctos e aspirações de liberdade, de desunião, de anarchia e de individualismo. Luthero arrojava a cogulla monachal, e com a Biblia na mão, saía do claustro a prégar a supremacia universal e absoluta da razão humana ao lado do dogma impiedoso da predestinagão. Carlos V, depois de sonhar a monarchia universal, de passear em triumpho pela Europa as hostes invenciveis de Allemanha, e as famigeradas hostes da infantaria hespanhola, recolhia-se ao mosteiro de S. Justo, legando a Filippe II por herança um imperio onde não havia occaso para o sol, e uma situação politica preñhe de commoções intestinas e de guerras europeas.

Carlos V fizera da Hespanha a primeira nação do mundo christão, e legára a Filippe II a espada gloriosa que em tantas batalhas tinha enfeudado a victoria ao nome hespanhol, e a dominagão á corôa castelhana.

Ao verem-se os venezianos ameaçados de perto pelas incursões atrevidas dos turcos, ao verem truncado o patrimonio de S. Marcos pela perda do reino de Chypre, accrescentado ás conquistas ottomanas, os venezianos recorreram ao papa para que prérgasse á christãdade uma nova cruzada, e para que entrando na liga a auctorisasse com o soberano privilegio do seu nome. Presidia então na Igreja o pontifice S. Pio V. A liga dos venezianos e do papa poz logo os olhos na Hespanha e em Filippe II, como um subsidio valiosissimo e um penhor seguro da victoria.

Filippe aprendêra de Carlos V a rebater as ousadias dos turcos. O imperador ensinára-lhe na jornada de Goletta como o valor christão podia triumphar sempre das armas ottomanas. O nome hespanhol, já temeroso para a christãdade, ganharia de certo muito em tornar-se formidavel aos barbaros do Bosphoro. Filippe entrou na liga dos venezianos e do papa, e as galeras da republica de S. Marcos, tripuladas em grande parte pelos soldados hespanhoes, sob o commando do memoravel D. João de Austria, foram tremular sobre as aguas de Lepanto o guião victorioso das Hespanhas.

D'essa batalha celebre, que illustrou no seculo 16.^o as armas já tão illustres de Castella, resta apenas, uma recordação historica. De tantos nomes gloriosos que então haviam de commemorar as chronicas contemporaneas, de tantos guerreiros afamados, que figuraram n'aquelle jornada memoranda, só dois nomes chegaram, com a sua gloria sempre viva, com a sua auréola sempre esplendida, até os nossos dias, tão cheios de glorias proprias, e de victorias e grandezas suas.

O bastardo de Carlos V, o intrepido D. João de Austria, por aquelle feito e por outros não menos eminentes em diversas campanhas do reinado bellicoso de Filippe II, legou á historia o seu nome, e conquistou um logar honroso entre os mais celebrados capitães da moderna idade. O general da frota christã de Lepanto vinculou a sua memoria áquella batalha gloriosa. E a par do general, e mais do que elle para a posteridade justiceira, immortalison o seu nome, por ventura um dos mais obscuros soldados aventureiros n'aquelle facção naval.

Ali no ardor da peleja, na galera onde mais accesa e travada anda a refrega entre turcos e christãos, onde mais rebentam os pelouros, e estouram mais temerosos os arcabuzes e mosquetes, ali peleja, como soldado de fortuna, confundido pelo seu posto entre as fileiras dos mais ignorados guerreiros, mas sobresaíndo a todos elles pela galhardia das suas acções, e pela nobreza e cavallaria do seu porte, um dos mais illustres, um dos mais justamente glorificados homens, d'aquelles que a Providencia manda ao mundo para ennobrecer uma nação, e para illustrar a humanidade.

Ninguem diria que nos registos de um terço hespanhol de infantaria, d'aquelles que militavam na Italia, e que guarneciam as galeras de Veneza no recontro naval de Lepanto, estava inscripto, entre centenas de nomes destinados ao esquecimento, um nome que devia sobreviver a todas as glorias do seu tempo, que devia, marchando á posteridade, embargar o passo aos grandes e aos poderosos de então, e tomar no pantheon da historia seu lugar de honra antes dos papas e dos imperadores, adiante dos generaes e dos politicos d'aquella epocha, fertil em grandes nomes e em gloriosas recordações.

Um soldado obscuro devia embarcar-se em Italia em uma das galeras, que iam a combater os turcos. Uma febre pertinaz impedia o guerreiro de tomar parte na empreza militar. Aconselhavam-lhe que não fosse exacerbar com os encommodos e perigos da guerra o estado lastimoso da sua saude. Venceram n'elle os brios de guerreiro, e os impulsos de soldado, disposto a correr a fortuna e aventuras de uma empreza romanesca. Empenhada a acção em Lepanto tres feridas gloriosas são n'aquelle soldado esforcado o testemunho vivo de que buscára contra os otomanos o primeiro posto, e que se não ficou sepultado nas ondas de Lepanto, só o deveu á fortuna que já lhe sorria glorias immortaes, e não ao recato a que se houvesse acolhido durante o mais rijo da peleja.

Esse soldado, que deu áquella batalha celebre com o seu sangue então um elemento de victoria, e com o seu nome depois um episodio grandioso, esse aventureiro hespanhol era o que devia mais tarde, depois de uma odyssea romanesca de aventuras e de revézes, pendurando as armas do mosqueteiro hespanhol, e tomando a penna do escriptor inspirado traçar um monumento nacional no *D. Quichote*, e resumir a maior gloria litteraria das Hespanhas no nome immorredouro de Cervantes.

Grande e notavel similhança entre o mais illustre escriptor de Hespanha e o mais inspirado cantor dos feitos portuguezes, é a de terem ambos preludiado na epopeia viva, e no romance activo da guerra, as paginas sublimes que testaram como herança de gloria á sua patria. Cervantes apparece pela primeira vez pagando á Hespanha o feudo de sangue, e recebendo no peito e na mão esquerda as feridas honrosas que o tornam na aurora dos annos invalido para a guerra. Camões, antes de consagrar n'uma das mais formosas epopeias as altas façanhas da sua gente, compra nas batalhas, pelo preço do seu sangue, o direito de cantar a sua patria. Antes de engrandecer pela descripção fidelissima, pela hypotypose eloquente as acções guerreiras que intentou celebrar, vive no tumulto dos campos, experimenta a condição aspera do soldado, assiste aos recontros e batalhas, encosta a escada ás muralhas inimigas, escuta o troar das baterias, e gosa em realidade os prazeres e as agonias da guerra, as incertezas da batalha e os deleites da victoria; sente reserverem-lhe na alma as paixões impetuosas do guerreiro, e os sentimentos generosos

do soldado christão. A musa não o inspira nos ocios do gabinete, no remanso ignobil da vida cidadã. Ha de prestar-lhe a inspiração, e entornar-lhe sobre a cabeça todas as graças, todos os thesouros da poesia; ha de ceifar-lhe abundantes laureis, e enramar-lhe a fronte desassomburada e varonil. Mas ha de o poeta seguir-a aos campos de batalha, onde ella vae mostrar-lhe os originaes que elle deve de copiar, e os heroes que tem de engrandecer pela epopeia. Assim como Virgilio, na lugubre lenda do Dante, leva o poeta ghibelino aos circulos do inferno, assim tambem a musa de Camões, personificada no destino do vate, o conduz pela mão a copiar do natural e do vivo as grandes acções e episodios de que ha de tecer os seus *Lusiadas*. Á similhança de Camões, Cervantes inicia-se na vida, provando em Lepanto os arcabuzes mussulmanos. Não lhe sorriem no berço as musas indulgentes e precoces. Já entre os folguedos infantís, não brinca, como os poetas de hoje, com as frivolidades da rima facil e com as graças apparentes da eloquencia fugitiva. Não cinge ao primeiro alvorecer da adolescencia os falsos laureis, que tão prompto vecejam na fronte, quão depressa se crestam e desfolham no tumulto. A corôa pouza-lhe magestosa quando a fronte já enrugada denuncia a maturidade de um coração temperado nas lidas, e nos revézes do mundo, e uma intelligencia acicalada pela reflexão e pelo estudo.

Hoje, que a guerra é uma excepção rarissima á lei commoda, mas prosaica do equilibrio europeu, já a poesia perdeu o entono cavalleiroso para remedar a graça cortezã dos trovadores palacianos, ou para se effeminar nos amores monotonos do poema romantico. Mas n'outro tempo, quando era a guerra a lei e a honra, e um opprobrio e uma vergonha e uma ociosidade e um dezar a paz, a poesia inspirava-se na paixão fundamental da epocha. Então os poetas tinham, como o cantor dos *Lusiadas*, n'uma das mãos a espada e na outra a penna, e coroavam-se de louros e de carvalhos, symbolo da victoria e da grandeza varonil. Hoje os bardos coroam-se de rosas e de jasmims; não retemperam a alma nas batalhas, senão nos saraus e orgias; não reproduzem na tela os heroes, senão as bellas e as vaidosas das salas; a poesia já não exhala de longe o cheiro da polvora, rescende o almiscar e o pivete dos toucadores. D'antes a poesia grandiosa e sublime tinha por thema o homem; hoje a lyrica donairoza e arrebicada tomou a mulher por musa e por orago, por inspiração e por idolo.

(Continúa.)

J. M. LATINO COELHO.

ORIGINALIDADE DA NAVEGAÇÃO DO OCEANO ATLANTICO SEPTENTRIONAL, E DO DESCOBRIMENTO DE SUAS ILHAS PELOS PORTUGUEZES NO SECULO XV.

II.

Dous mappa-mundi do começo deste seculo (1306-1321) restam do celebre geographo veneziano Marino Sanuto: um por elle mesmo offerecido ao papa João XXII, em 1321 (com o seu livro *Liber secretorum fidelium crucis*) que Bongars deu gravado no tomo II da obra *Gesta Dei per Francos*: outro, que se lhe attribue, differente do primeiro, que existe no manuscripto *Chronicon ad annum 1320* (n.º 4939 da bibliotheca do rei em Paris). No primeiro planispherio põe Sanuto as Afortunadas ao occiden-

te da Irlanda, apartando-se d'est'arte da lição dos antigos, que, segundo observa Zurla, as collocavam ao sudoeste da Europa. No mais, parecendo seguir em muitos pontos a carta do arabe Edrisi, não obra com mais acerto e conhecimento de causa. Escreve « . . . *ultra Gades, per regna Yspanio, Portugalia et Galilio, non inveniuntur insulo alicujus valoris.* » É d'esta legenda de Sanuto, sustentando, que no oceano Atlantico se não encontravam por estes lados ilhas de consideração, se tira a evidente inferencia de que nem elle conhecia, nem até elle conheciam principalmente a Madeira, e os Açores. No mappa-mundi do *Chronicon*, seguiu o cosmographo á risca aquella legenda, porque no mar occidental ás Hespanhas não traz nenhuma ilha. A tal respeito já o sr. visconde de Santarem disse: « É . . . mui digno de observação, que no começo do seculo 14.^o o mais sabio cosmographo mostrasse tamanha ignorancia a respeito das ilhas de segunda ordem do mar Atlantico, o que é, segundo nos parece, mui importante, pois que esta particularidade, junta a outras que temos notado em nossas investigações, nos mostra, que no tempo de Sanuto não conheciam nem as Canarias, nem os Açores. »

O mappa-mundi de Ricardo de Haldingham, da cathedral de Hereford em Inglaterra, é uma nova confirmação da nossa these. Traz ilhas no Atlantico septentrional (Inglaterra, etc.) e no meridional (Afortunadas, etc.) mas nenhuma pelo alto oceano entre estas duas extremidades; o que fez dizer em conclusão o sr. visconde de Santarem: . . . « Os geographos mais instruidos do fim do seculo 13.^o, e principios do 14.^o, não conheciam . . . este mar das ilhas do Atlantico. . . e . . . seus conhecimentos não ultrapassavam os dos geographos da antiguidade grega e romana. »

O mappa-mundi do 14.^o seculo, que no muscu britânico se acha n'um manuscripto do *Polichronicon* de Ranulpho Hygeden, está em meio d'um oceano circumdante. Ao sul de Gades tem uma só ilha, *Fortunata insula*, e della para o norte nenhuma ilha até *Anglia*.

A carta dos irmãos Pizzigani, datada de 1367, que se conserva na bibliotheca de Parma, prova como o mappa-mundi antecedente. Ao sul do estreito traz *Ysole dictæ Fortunatae*, e immediatamente ao norte, ahí pelo meridiano da *Canaria*, a *Y.^a de Braçir*. Perto da primeira põe uma d'aquellas estatuas tradicionais dos geographos arabes, com pequena bandeira na mão, em signal de que além das Canarias era impossivel navegar-se.

A carta catalã de 1375, que se conserva na bibliotheca real de Paris, pudera parecer um famoso documento contra a nossa these, se não houvesse um sem numero de considerações bem fundadas, que n'esta discussão lhe tiram toda a importancia. Averiguada, como está, a data deste monumento geographico (*Athenæum*, jornal inglez de 18 d'abril, 16 de maio, 6 e 24 de junho de 1840) verem-se n'elle ao sul do estreito as ilhas *porto santo* (Porto-Santo) *insula de legname* (Madeira) *insule desserte* (Desertas) *insule saluage* (Selvagens) não quer dizer, que essas ilhas fossem já conhecidas no tempo em que foi traçado; mas sim, que foram uma addição, posterior á epoca de nossas grandes empresas e descobertas maritimas. Nem outra cousa pôde ser, quando a historia, a cosmographia, e a geographia contemporanea, nenhuma archivou a menor noção da descoberta d'aquellas ilhas no seculo 14.^o: quando um documento singular tirado da cartographia nenhuma prova faz contra geraes e oppostos testemunhos de maiores autoridades: quando aquella addição é além de hypothese mui verosimil, factio mui geral e usual entre

navegantes, que taes eram por sem duvida os que meio seculo depois da construcção da carta lhe accrescentaram algumas das descobertas maritimas dos portuguezes, ou deram para isso informações.

No principio do seculo 15.^o, antes das nossas descobertas maritimas no alto oceano Atlantico septentrional, temos ainda, para comprovar a originalidade d'ellas, o que se deduz do cosmographo arabe Bakui, do sabio cardeal de São Marcos, Guilherme Filliastre, e d'um mappa-mundi.

Bakui (que copiou Cazwini, do seculo 13.^o) refere-se apenas ás ilhas Canarias, em numero de seis, e acrescenta: « Em cada ilha ha uma estatua de cem covados d'altura, que é como um farol para dirigir os navios, e avisal-os, que além d'ellas não ha caminho. »

E nas descripções de Bekri e Edrisi, que os primeiros beberam as noções d'ilhas Afortunadas. N'este ponto se grupam Bekri, Edrisi, Cazwini, Bakui, e Schems-eddin. Sómente o ultimo diz que de seis que aquellas ilhas eram, cinco se tinham submergido, existindo apenas uma cuja descripção reveste das qualidades de todas as ilhas Afortunadas mythologicas.

Guilherme Filliastre, um dos sabios mais zelosos dos estudos e trabalhos geographicos, sendo, como foi, tão proximo da epocha em que começaram as nossas descobertas, em carta sua (1417) que precede uma cópia do manuscripto de Pomponio Mela, da bibliotheca de Reims, prova-nos indirectamente quanto no seu tempo a navegação do oceano Atlantico era ainda desconhecida e difficil, dizendo que « os navios que partem de Veneza, gastam quasi um anno em chegarem a Flandres, inda que por terra seja viagem de 24 dias. » Peritsol, *Itinera mundi*, corrobora este factio. « *Verum* (diz elle) *qui cunt à Venitiis in Flandriam per galeras maris cum mercibus suis, vidi et audivi eos antequam revertantur ad domum suam, saepe retineri et retardari per 18 menses et aliquando ultra duos annos.* » Se pois no tocante á navegação das bordas do Atlantico assim era dos venezianos, famosos maritimos do 14.^o e 15.^o seculo, qual não seria a tal respeito a ignorancia dos outros povos menos propensos, ou menos dados á navegação?

O mappa-mundi, que do começo d'este seculo encontramos, é da mesma data que a carta de Filliastre (1417) e está com ella no mesmo manuscripto e na mesma bibliotheca de Reims. Um e outro documento representam os conhecimentos geographicos do tempo, e estão d'accôrdo entre si. A primeira ilha que o mappa-mundi traz ao norte de *Gades* é *Anglia*, e depois d'ella apenas outra, mais septentrional, e sem nome.

(Continúa.)

JOSÉ DE TORRES.

Filtro economico. — O carvão é a substancia mais eficaz que se conhece para purificar os liquidos; aguas estagnadas e corrompidas podem tornar-se inodoras e sadias; e para isto basta filtral-as pelo mui economico e singelo apparelho, que vamos descrever. Tome-se uma tijella de barro, ou qualquer vaso, com um orificio na parte lateral inferior; disponha-se-lhe no fundo uma camada de seixos grandes, e outra de seixos mais pequenos; sobre esta deite-se-lhe uma porção de areia; e cubra-se esta finalmente com tres ou quatro polegadas de carvão moido. Poderá então empregar-se, para o fim indicado; e dura largos annos.